

A RECREAÇÃO DAS CRIANÇAS E JOVENS NAS RUAS DA SÃO PAULO DO COMEÇO DO SÉCULO XX

Dra. Eliane Mimesse Prado (UCS)
mimesse.e@gmail.com

Resumo

As crianças e jovens que viviam na cidade paulistana nos anos iniciais do século XX tiveram seus momentos para a diversão, normalmente com grupos de amigos. Objetivava-se identificar as brincadeiras e jogos mais conhecidos entre esses sujeitos; verificar quais eram os bairros em que existia a recreação destes grupos nas ruas; analisar os locais que ocorreram, especificamente, os jogos e brincadeiras que essas crianças e jovens se envolveram. Os indivíduos que serão aqui descritos viviam nas áreas consideradas alagadiças, próximas aos rios, nas imediações das fábricas, os considerados bairros operários, com grande concentração de pequenas moradias conhecidas, na época como cortiços. As crianças e jovens que viviam nesses bairros eram, via de regra, trabalhadoras por conta da sobrevivência delas próprias e de suas famílias. Mas, alguns dos trabalhos executados por eles apresentavam flexibilidade nos horários. Esses sujeitos trabalhavam e se divertiam pelas ruas da cidade, como se essa fosse uma extensão de sua casa. Nas casas ou ao redor delas era inexistente um espaço adequado para a recreação ou as brincadeiras, as ruas eram usadas para os jogos. Muitos deles iam às escolas públicas primárias ou às escolas elementares subsidiadas pelo governo italiano, várias dessas escolas foram criadas nesses bairros. Como a frequência nas escolas não era obrigatória, a recreação poderia ocorrer em qualquer momento. Entretanto, a cidade de São Paulo crescia a cada dia, com a entrada de imigrantes das mais diversas etnias e de nacionais. As novas fábricas atraíam a mão de obra que estava ociosa no interior do estado. O aumento no fluxo de bondes para o transporte de passageiros e de carroças de serviços pelas ruas, cresceu na mesma proporção que as fábricas. As ruas tornaram-se mais movimentadas e, conseqüentemente, mais perigosas, começaram a ameaçar e restringir a diversão dos que estavam pelas ruas. As fontes

primárias para este estudo foram as sessões de notícias de um periódico em circulação pela cidade chamado *O Estado de S. Paulo*. A fundamentação teórica foi composta principalmente por Cruz (2013) quando trata da urbanização da cidade paulistana e de Pereira (2010) que focou no desenvolvimento fabril e urbano no início do século XX; em Moura (2000) por tratar da questão do trabalho infantil na urbe; Prado (2018) estudou os abandonados e órfãos na capital paulista; entre outros. Conclui-se que, apesar do crescimento da cidade e do ligeiro trânsito nas ruas, as crianças e jovens conseguiram encontrar locais para sua diversão e recreação.

Palavras-chave: Jogos e brincadeiras; História da infância; História da educação.

Indícios e fontes

Para agregar as informações acerca dos jogos e brincadeiras das crianças e jovens em algumas das ruas da cidade paulistana, foram necessárias muitas horas de pesquisas e leituras de notícias em variados periódicos da época. Os indícios, para o início deste estudo, foram detectados em pesquisa anterior efetuada em um núcleo colonial com predomínio de colonos italianos na área metropolitana da cidade de São Paulo. Na pesquisa citada as crianças usavam o espaço público como privado, as brincadeiras se expandiam e, quando existia companhia, os espaços se alargavam como foi citado por Mimesse (2013).

Após vários meses de leituras e análises, foi selecionado um periódico para este estudo. A fonte, neste caso, foi essencial para estabelecer o objeto da pesquisa. A partir da leitura das entrelinhas das notícias, porque efetivamente, nenhuma notícia referiu-se ao jogo dos jovens na rua ou a brincadeira das crianças em determinado local. A pesquisa demandou tempo por ser obrigatória a leitura de vários periódicos diários, semanais e quinzenais da cidade, para em seguida extraírem-se as informações para compor o objeto do estudo. Então, como referido por Certeau (2002, p.82) “[...] o estabelecimento das fontes solicita, também, hoje, um gesto fundador, representado, como ontem, pela contribuição de um lugar, de um aparelho ou de técnicas”. Cada tipo

de fonte necessita de uma técnica diferente, neste caso, foi a leitura das notícias de cada periódico nos anos estabelecidos, o início do século XX.

O periódico escolhido foi eleito por trazer, em seu todo, um maior conjunto de notícias a respeito do assunto. Era um jornal diário, composto por uma média de cinco páginas, contendo alguns reclames na última página. Normalmente, nas duas primeiras páginas foram encontradas as colunas com a sessão ‘Avulsos’ e neste local, estavam as informações sobre as crianças e jovens. De modo que, como foi descrito por Certeau (2002, p. 82) “[...] não há trabalho que não tenha de utilizar de outra maneira os recursos conhecidos. Não se trata apenas de fazer falar estes imensos setores adormecidos da documentação e dar voz a um silêncio. Significa transformar alguma coisa”.

O periódico *O Estado de S. Paulo* era um dos poucos, na época, que publicava todos os dias descrições pontuais dos acontecimentos cotidianos. Luca (2005, p.138) comentou sobre essa situação que predominou na imprensa até os anos de 1950. Porque antes deste período “consagrava-se a ideia de que o jornal cumpria a função de informar ao leitor o que se passou, respeitando rigorosamente a ‘verdade dos fatos’”. E, por fim a última questão a respeito da pesquisa com notícias de jornais no século XXI, o suporte em que são apresentados atualmente. A busca digital predomina nas hemerotecas online. A cada dia será mais difícil termos contato com os jornais originais, mesmo usando luvas ou microfílm. A digitalização está tornando a materialidade um termo fluído, atualmente o visual é virtual, mas em contraponto o acesso aos acervos expandiu. Chartier (2010, p. 9) descreveu esta situação quando abordou a questão da revolução digital e o necessário rompimento com nossas ações vinculadas à escrita, será preciso “quebrar o vínculo antigo estabelecido entre textos e objetos, entre discursos e sua materialidade, a revolução digital obriga a uma revisão radical dos gestos e das noções que associamos ao escrito”. Portanto, a pesquisa desenvolveu-se com uma fonte impressa, utilizando-se de uma nova abordagem – agora - virtual e metodológica, por analisar de outra maneira os dados que a compõem.

O crescimento urbano da cidade

Nos anos finais do século XIX, e durante os primeiros anos do século XX a cidade de São Paulo recebeu grande número de novos moradores. Em decorrência do necessário desembarque dos estrangeiros na *Hospedaria dos Imigrantes* que se localizava na cidade, como foi explicado por Prado (2018). De modo que, todo imigrante que chegava ao estado de São Paulo deveria desembarcar do navio no porto de Santos e rumar para a Capital de trem até esta *Hospedaria*, para depois ser encaminhado para seu destino. Mas, não só de imigrantes recém-chegados contava a população da cidade, existiam os antigos moradores e os novos habitantes, vindos de outras localidades. De acordo com a pesquisa de Cruz (2013), nos anos de transição, entre os séculos XIX e XX a população da cidade era formada por 55% de imigrantes, 11% de negros e de mulatos.

Os novos moradores da cidade também eram procedentes do interior do estado. Normalmente pequenos grupos de imigrantes, de uma mesma etnia, alocados nas fazendas de café no interior e, que não se adaptaram ao trabalho na lavoura. Essas pessoas mudavam-se em busca de trabalho nas novas fábricas.

A superprodução da safra paulista de café, que ocorreu entre os anos de 1906 e 1907 obrigou também, grande parte da mão de obra desempregada, do interior do estado a buscar trabalho nas fábricas da Capital. Pereira (2010) nos apresentou os dados entre os anos de 1900 e 1915, quando ocorreu a expansão do número de cotonifícios, moinhos de farinha de trigo, fábricas de chapéus, calçados, marcenarias e cerâmicas na cidade paulistana. Todas essas novas fábricas necessitavam de mão de obra.

A questão que nos toca, quanto ao trabalho nas fábricas, é que todos poderiam trabalhar. Como citado por Moura (2000) as fábricas empregavam crianças de várias idades diferentes, existiam máquinas reduzidas para adaptarem-se ao trabalho dos pequenos. Até o ano de 1910, não existia uma lei trabalhista, como citou Matos (2002), de modo a colaborar com a expansão e o abuso desta mão de obra. As meninas a partir dos 7 ou 8 anos de idade poderiam ser contratadas para os trabalhos domésticos.

As crianças e jovens que trabalhavam desde 7 ou 8 anos nas fábricas, juntamente com seus pais, como citado por Biondi (2010), não poderiam frequentar as escolas primárias públicas ou as privadas elementares subsidiadas pelo governo italiano. Contávamos com um grande grupo de crianças e jovens trabalhadores e analfabetos.

Na área central da cidade predominavam escolas primárias públicas, principalmente com a criação de Grupos Escolares e as subsidiadas italianas, como citou Prado (2015). As escolas subsidiadas pelo governo italiano eram elementares, seguiam um modelo muito similar ao das escolas isoladas paulistas. Apenas o governo italiano, subsidiava escolas elementares para seus emigrados que estivessem vivendo em outros países. As isoladas públicas e privadas subsidiadas eram multiseriadas, separadas por sexos, ensinavam os rudimentos da leitura, escrita e aritmética. As italianas contribuíam com a construção e fortalecimento da identidade e, do nacionalismo italiano ao emigrado recém-saído de um país a pouco tempo unificado e, ainda sem uma identidade nacional instituída.

As escolas públicas poderiam ser de modalidades diferentes, as Isoladas - de três tipos: femininas, masculinas e mistas, com uma única sala de aula, compostas com alunos de idades e níveis de aprendizagens diferentes; Reunidas – junção de algumas escolas isoladas com salas únicas e multiseriadas no mesmo espaço físico, independentes entre si e os Grupos Escolares - organizados de acordo com a idade e a aprendizagem dos alunos. Apesar da frequência nas aulas das escolas não ser obrigatória e, essa possibilidade pudesse gerar crianças e jovens que trabalhassem e fossem matriculados em algumas das escolas. Mas, a criação de todas essas escolas não foi suficiente, a quantidade de vagas não supria a demanda. Sempre existiu um contingente de crianças e jovens excluído das aulas, que esteve no trabalho ou nas ruas.

O espaço reduzido dentro da moradia também era um fator que levava as crianças e jovens a brincarem na rua. Tendo em conta, o salário recebido por seus responsáveis os cortiços eram os locais mais acessíveis para sua estada na Capital. Esses tipos de imóveis populares foram construídos “nos bairros centrais, nas localidades mais próximas das baixadas e das áreas alagadiças. Os cortiços agruparam imigrantes de diferentes etnias, mas em alguns bairros foi possível a união de grupos de indivíduos procedentes de uma mesma região”, como descreveu Prado (2018, p. 121).

A população de baixa renda concentrou-se na região próxima dos rios, nos fundos dos armazéns, que carregavam e descarregavam os trens, nas áreas entre os rios e as fábricas, nas áreas em que, quando chovia, enchia de água. Os cortiços foram

construídos em ruas desse entorno próximos das fábricas. As crianças e jovens viveram nesse mesmo entorno dos cortiços e das fábricas, como foi descrito abaixo.

[...] nas baixadas úmidas e pantanosas próximas às várzeas do Rio Tamanduateí e ao pé da colina central, constituíram-se os primeiros bairros operários. Por essas áreas, passavam as estradas de ferro para permitir o deslocamento dos produtos. Os baixos preços dos terrenos atraíram fábricas e outros empreendimentos industriais ao longo das décadas de 1880 e 1890. Os cortiços consistiam na única alternativa de moradia proletária por sua localização próxima do serviço, geralmente em áreas sujeitas a alagamentos, onde os preços dos aluguéis eram mais baixos (PEREIRA, 2010, p.135).

As ruas como local de folia

As ruas e outros espaços públicos tornaram-se os locais propícios para o encontro das crianças e jovens, que não tinham espaço para brincadeiras e jogos nas suas moradias. A diversão nas áreas livres sempre envolvia muitas pessoas e normalmente a consequência era “muita algazarra”, que conseqüentemente incomodava os vizinhos. Por conta destas reclamações foi possível listar os bairros em que mais ocorriam essas brincadeiras, como o Brás, o Cambuci, a Sé e Santa Efigênia. O bairro do Brás, da Sé e do Cambuci estavam nas proximidades com o rio Tamanduateí, muitas de suas ruas desembocavam ou cruzavam este rio. No bairro de Santa Efigênia a diversão era praticada nas praças ou nos terrenos vazios. Os jovens utilizavam como ponto de encontro um terreno que existia nas proximidades entre a Igreja da Ordem Terceira do Carmo e do Mercado Municipal, as margens do rio Tamanduateí, conhecido como Várzea do Carmo (atualmente abriga um amplo terminal de ônibus). Era um terreno público muito grande, com solo bem irregular, alguns arbustos pequenos e grama. Toda vez que chovia ficava com partes alagado com a água da chuva e, com a água do rio que transbordava, outras partes tornavam-se pequenos lagos e, exatamente por esse motivo, não existia nenhum tipo de construção. Era o local ideal para todos os tipos de brincadeiras, com ou sem os alagamentos.

Os jogos mais praticados eram o futebol e o campo de batalha nos dias em que não chovia, esses eram os jogos para os dias em que o terreno estava seco. O futebol era

jogado por vários meninos que corriam atrás de uma pelota feita de panos enrolados, e normalmente discutiam entre si por várias razões diferentes – dificilmente uma disputa de futebol terminava pacífica. Esse era o motivo dos vizinhos reclamarem quando o jogo acontecia nas ruas como no Cambuci ou na Santa Efigênia e não na Várzea do Carmo. Algumas pessoas escreveram para o jornal pedindo para que a polícia tomasse providências “contra diversos menores que jogam *foot-ball* na rua” porque “perturbam a tranquilidade” de todos os moradores da vizinhança; além de quebrarem vidraças das janelas, claro porque precisavam de muito treino, esse era ainda um esporte novo que começava a ser difundido entre a elite e, as crianças e jovens de qualquer classe como brincadeira. Os meninos que jogavam nas ruas no bairro de Santa Efigênia faziam a pelota com pedaços de panos, de jornal, de palha, não se tem notícia se chegaram a ter uma bola de outro material.

Os jovens e as crianças brincavam também de fazer balões, de nadar, de navegar pelo rio. Utilizando-se dos estudos de Kishimoto (1994) os jogos podem ser entendidos como atividades mais estruturadas e organizadas, porque fazem uso de regras mais claras. Por esse motivo o jogo de futebol e o campo de batalha podem ser classificados como jogos, apesar de existir a possibilidade de crianças participarem dessas atividades.

O Campo de Batalha foi um jogo bem popular entre esses meninos que se reuniam na Várzea do Carmo. Era um jogo coletivo, os meninos dividiam-se em dois grupos e lutavam entre si com pedras de todos os tamanhos, vencia o grupo que no final tivesse o maior número de participantes sem nenhum arranhão, ou que ninguém estivesse sangrando. O que na verdade parecia ser bem difícil. O jornal relatava que as batalhas eram frequentes na Várzea no Carmo “reúnem-se diariamente inúmeros menores, divididos em grupos, transformam aquele logradouro em um campo de batalha”. E, aos finais de semana a quantidade de participantes aumentava, ocasionando em “renhidos combates a pedradas”. Os meninos pequenos participavam deste jogo longe dos maiores, “afim de fazerem o combate as pedras e pelotas”, muitos saíam machucados com pedradas e tijoladas.

Uma brincadeira muito comum que acontecia nas ruas era a manufatura de balões com tochas de fogo e sua posterior soltura nos céus da cidade. O problema era que, quando acabava o lume que mantinha aceso o balão, ele caía e quem o pegasse

poderia tornar-se seu proprietário. Esse era o momento em que começavam as brigas e confusões entre os meninos que corriam para resgatar o balão que caía do céu, porque todos poderiam ser capazes de pegá-lo. Eram várias as reclamações da população contra a “algazarra da meninada nos arrabaldes” a caça de balões. Nem sempre todos os balões eram resgatados sem danos, porque nos anos iniciais do século XX a cidade já contava com várias ruas com iluminação pública e os fios de alta tensão já começavam a aparecer pelas ruas. Em uma das notícias um garoto acabou “fulminado” quando tentou retirar um balão “preso nos fios da Light”, porque o nome da companhia de energia na época era *São Paulo Trainway, Light and Power Company*, que começou a funcionar a partir de 1901 com a iluminação nas ruas e os bondes elétricos.

A brincadeira, por fazer uso do brinquedo, acaba sendo vinculada mais aos pequenos. Esta tem algumas regras, limitando-se mais ao lúdico, a criança pode mudar essas regras, entrar e sair da brincadeira que não vai alterá-la. Kishimoto (1994) ainda acrescenta que impera a liberdade da criança. Bem, normalmente existe um brinquedo em uma brincadeira os prontos/estruturados e os não estruturados, dependem somente da imaginação das crianças ou dos jovens que farão a brincadeira ou o jogo.

Os sujeitos desta pesquisa estavam as voltas com brincadeiras e brinquedos, na maior parte das vezes, não estruturados. Eles se divertiam em grupos jogando pequenas pedras nos trilhos dos bondes, apenas para vê-las se quebrarem, claro que algumas vezes eles erravam e acertavam algumas pessoas dentro do transporte, o que causava certa confusão. Também se divertiam tomando banho no rio Tamanduateí sem usarem roupa, o que causava alguns transtornos e tumultos com a ordem pública. Passeavam de bote pelo rio “devido as torrencias chuvas que caíram nesses últimos dias na capital, ha grande inundação [...] durante a tarde, muitas creanças se divertem, passeando em botes, canoas e outras pequenas embarcações”.

Os meninos jogavam *foot-ball* nas paredes laterais da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, fazendo muito barulho e atrapalhando as orações dos fiéis. Local próximo a várzea que estavam acostumados a reunirem-se para jogarem e brincarem. Todas essas ações eram diversão para os que estavam acostumados às ruas da cidade e consideravam-nas como parte de suas casas.

Considerações Finais

As crianças e jovens que viveram na cidade de São Paulo puderam se divertir a sua maneira. Claro que vivenciaram muitos conflitos simultâneos ao entretenimento. Foi sempre muito engraçado nadar no rio Tamanduateí sem roupa, desde que nenhum morador da região avistasse os meninos e avisa-se o guarda rondante; ou que algum dos banhistas fosse para o meio do rio e não conseguisse voltar e eles precisassem chamar alguém para ajudar.

O jogo que acontecia na Várzea do Carmo, o Campo de Batalha, era realmente uma guerra de pedras entre duas equipes, e eles terminavam a disputa sempre machucados, com pedradas, claro, esse era o objetivo principal do jogo – acertar uma pedrada no inimigo. O guarda rondante foi chamado algumas vezes pelas brigas e por causa de meninos muito machucados por pedradas durante esse jogo. E, o jogo de futebol, mesmo tendo esse discurso que era um jogo da elite que trabalhava nas fábricas inglesas na cidade, era jogado pelos meninos nas ruas e na várzea do rio Tamanduateí desde 1902.

Entretanto, o mais preocupante em toda essa pesquisa é aonde estavam as meninas?. Elas não foram citadas, porque não estavam nos treinos de futebol, ou nas equipes do jogo campo de batalha, ou entre aqueles que jogavam pedras nos trilhos dos bondes. Somente os meninos foram citados em todas essas notícias. Foram identificados anúncios solicitando meninas para trabalharem em serviços domésticos, seria esse o motivo para elas não estarem entre os meninos? Poderiam ser a minoria e por isso nem chegaram a ser citadas, a pesquisa deve continuar a buscar novos indícios.

Referências

BIONDI, L. Imigração italiana e movimento operário em São Paulo: um balanço historiográfico. In: CARNEIRO, M. L. T.; CROCI, F. & FRANZINA, E. (Org.s) **História do trabalho e História da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)**. São Paulo: Edusp: FAPESP, 2010, p. 23-48.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

CERTEAU, M. de. **A escrita da História**. 2. ed. Trad. M. L. Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, R. Escutar os mortos com os olhos. Trad. J. Briant. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 24, n. 69, p. 07-30, 2010.

CRUZ, H. de F. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. et al. **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-154.

MATOS, M. I. S. de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru/SP: EDUSC, 2002

MIMESSE, E. (org.) **Bambini Brasiliani: a infância das crianças italianas e ítalo-brasileiras**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2013.

MOURA, E. B. B. de. Crianças operárias na recém industrializada São Paulo. In: PRIORE, Mary del (org.) **História das crianças no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 259-288.

O ESTADO DE S. PAULO. 1898 – 1905.

PEREIRA, R. M. **Washington Luís na administração de São Paulo (1914-1919)**. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

PRADO, E. M. O convívio concomitante e frugal das escolas elementares públicas e privadas paulistanas. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 58, p. 183–198, out./dez. 2015.

_____. Índícios corriqueiros da vida de jovens e crianças na cidade de São Paulo (1870-1912). **História Unicap**. Recife, v. 5, n. 9, p. 119-133, jan./jun. 2018.